

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.061](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT01.061)

O DESPERTAR CIDADÃO POR MEIO DA GEOGRAFIA: REFLEXÕES ACERCA DO PAPEL DA CARTOGRAFIA SOCIAL

VICTOR HUGO BARBOSA DA SILVA OLIVEIRA

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste UFPE – CAA, victor.hugosilva@upe.br;

VITOR GABRIEL MOURA FIRMINO DA SILVA

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste UFPE – CAA, vitgbiel@gmail.com;

ALISSON GOMES DA SILVA ROCHA

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste UFPE – CAA, alissongomesdasilvarocha@gmail.com ;

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir para que as aulas de Geografia não sejam lineares e que o professor/a se aproprie dos conhecimentos cartográficos, despertando nos discentes o interesse no estudar geografia através da construção de mapas colaborativos/participativos. Assim, este trabalho apresenta reflexões acerca da importância da Cartografia Social no ensino de Geografia para o despertar cidadão na apreensão do seu espaço de vivência. A Cartografia Social tem se configurado como uma ferramenta importante para o reconhecimento de um grupo social que se apropria do território, se enraíza culturalmente, e que ali constrói a sua identidade, uma vez que, as técnicas de produção de mapas eram circunscritas aos domínios do Estado. Diante disso, importa referir que o artigo em tela apresenta uma abordagem qualitativa e caracteriza-se metodologicamente por fazer uma revisão bibliográfica acerca do recorte de estudo, considerando olhares pautados na educação progressista. Assim, priorizamos alguns autores como Acselrad (2008; 2010), Gomes (2017), Mignolo (2008) e dentre outros/as, na qual pôde compreender que a Cartografia social tem um posicionamento político, pois leva os sujeitos ao reconhecimento dos seus direitos em sua territorialidade, como também apresenta como uma atividade dialógica e participativa. A Geografia auxiliada pela Cartografia, representa os aspectos físicos, ambientais e sociais; portanto,

corresponde a um trabalho interdisciplinar da Geografia e da Cartografia, voltados para o uso participativo dos mapas comunitários, que parecem direcionar o despertar cidadão nas aulas de Geografia.

Palavras-chave: Cartografia Social, Ensino, Geografia Escolar.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, a cartografia já se fazia presente entre os povos nômades. Em decorrência dos seus deslocamentos para a satisfação dos seus interesses, houve a necessidade de registrar as informações dos caminhos em um esboço, em consequência disso, o surgimento dos primeiros mapas.

Com o aprimoramento de suas técnicas, o espaço foi se transformando, conseqüentemente, os mapas também foram aperfeiçoando-se, cuja finalidade era satisfazer os interesses do Estado - nação para a dominação de terras e, sobretudo, para a centralização de um poder político hegemônico e colonial. Segundo Conceição e Natércia (1986), no período da Idade Média, após a queda do

Império Romano e com a ascensão do cristianismo, os mapas receberam influências religiosas, onde clero utilizava essa ferramenta para despolitizar e ganhar adeptos a sua doutrina.

Sob esse prisma, a cartografia sempre esteve sob o domínio do Estado, Elites e as técnicas de produção de mapas estavam circunscritos a especialistas, engenheiro, isto é, limitado a um público privado. Com o passar do tempo, a cartografia saiu d os domínios das elites, atingindo um público amplo e diverso.

Crampton e Krygier (2008, p. 85) corroboram com a nossa análise ao considerar que

[...] o efetivo negócio da confecção de mapas, do levantamento de dados espaciais e seu mapeamento, está saindo das mãos dos especialistas. A capacidade de produzir mapas, até mesmo um impressionante mapa 3D interativo, está hoje disponível para qualquer um que tenha um computador pessoal e uma conexão de internet.

Sendo assim, com a difusão do conhecimento científico, conseqüentemente, com a descolonização desse saber que é tido como universal, os meios de produção de mapas ultrapassam as fronteiras. Nesse sentido, o que antes era restrito apenas para especialistas, acadêmicos e elites, hoje, qualquer indivíduo tem acesso a esses meios técnicos de produção de mapas.

Portanto, a universalização dos instrumentos de confecção de mapas, diversos grupos excluídos socialmente sentiram a necessidade de confeccionar seus próprios esboços com a finalidade de firmar seus direitos, e democratizar o

território. Se antes o mapa era utilizado para despolitizar e servir de orientação durante as navegações no século XV, na época atual, o mapa é capaz de politizar os cidadãos e as cidadãs, diagnosticar e prevenir conflitos territoriais. A partir dessa necessidade de estar presentes em mapas, mostrar sua realidade, surge um ramo da cartografia que auxilia grupos subalternos na afirmação de sua identidade e do exercício do poder em suas territorialidades.

Excluídos e marginalizados historicamente, diversos grupos nunca teve a oportunidade de construir seus mapas, pois, as técnicas de produção estavam limitadas a especialistas, elites, acadêmicos e técnicos. Sendo assim, com a propagação e a universalização do conhecimento científico, os instrumentos de elaboração de mapas atinge um público diverso, por conseguinte, fez com o que diversos grupos excluídos socialmente sentissem a necessidade de construir seus mapas como forma de resistência e de inclusão social.

A cartografia social pode ser considerada como uma ramificação da ciência cartográfica que tem como objetivo a auto – cartografia de sujeitos sociais que estão às margens da sociedade que se apropriam do espaço e que ali constroem a sua identidade, cuja finalidade é firmar os seus direitos, democratizar o território e exercer o poder em sua territorialidade.

Sumariamente, a cartografia social pode ser considerada como uma ramificação da ciência cartográfica, que tem como propósito o auto - mapeamento de atores sociais que se apropriam do espaço e que ali constrói a sua identidade, com a finalidade de dar autonomia e democratizar o território, ou seja, ter acesso aos recursos e poder dentro do território.

Como aponta Stella (2012), a identificação desta prática cartográfica ocorreu durante a década de 1970, na América Latina, por grupos étnicos para a reivindicação de direitos, exercício de poder, etc. Essa prática teve e tem o intuito de

Proporcionar aos povos excluídos (como: índios, quilombolas, comunidades ribeirinhas) um instrumento que mapeasse suas terras, riquezas e culturas, já que os órgãos governamentais e sociais não priorizavam com detalhes essas áreas e quando as faziam era buscando apropriar-se dos espaços e territórios (Carvalho; Santos; Souza, 2017, p. 90).

No Brasil, esse instrumento de politização foi disseminado a partir do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) pelo pesquisador Alfredo Wagner, dando ênfase à auto – cartografia de grupos subalternos para um maior

conhecimento do espaço apropriado. É importante salientar que essa prática cartográfica é muito utilizada por movimentos sociais, comunidade quilombolas, ribeirinhas, povos indígenas como uma forma de (re)existência e de proteção das suas terras.

Sob essa ótica, a CS tem um posicionamento político, pois leva o sujeito ao reconhecimento dos seus direitos em sua territorialidade e, sobretudo, lança um olhar as comunidades marginalizadas dentro de um sistema colonial/capitalista para a reivindicação dos seus direitos sociais. No entanto, é importante deixar explícito que essas comunidades tradicionais podem estar sob o controle de instituições privadas e/ou públicas, com o intuito de comercializar os produtos do território, silenciando as lutas desses povos.

Partindo dessa observação, Stella (2012, p.131) afirma que “a proteção territorial de povoações tradicionais teria o efeito de garantir as disposições jurídicas que blindam os interesses dos investidores para apropriar, concentrar e explorar terras e recursos”. Sendo assim, a utilização desse procedimento, concomitantemente com as políticas públicas realizadas coletivamente com as lideranças sociais, tem o poder de prevenir a exploração e a comercialização de bens materiais e imateriais do território.

A feitura dos mapas sociais contrapõe-se da cartografia dita como oficial¹, tal qual é apreendida e ensinada nos cursos de Licenciatura em Geografia. Desta feita, Santos explica que:

Na cartografia considerada pelo Estado como oficial, a elaboração do mapa é protagonizada exclusivamente pelos ditos técnicos da área, o que configura uma forma de poder institucional da elaboração. Já na cartografia social, o processo de feitura dos mapas é uma construção conjunta entre os pesquisadores e os agentes sociais (Santos, 2016, p. 284).

Dessa forma, é a partir dessa troca de saberes horizontalizados, que os agentes sociais deixam de serem cidadãos/cidadãs passivos/as, tornando-se sujeitos ativos/as, uma vez que, é função das lideranças dos movimentos sociais escolherem o que estará presente no mapa. Nesse diapasão, o presente texto apresenta algumas reflexões acerca da importância da Cartografia Social no ensino de Geografia

1 Cartografia oficial é a cartografia reconhecida pelo Estado e academia, cuja elaboração é feita por geógrafos e cartógrafos.

para o direcionamento do despertar os/as estudantes, professores e professoras num viés político e social para a tomada de decisão e transformação no seu espaço de vivência.

METODOLOGIA

A metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho é de uma abordagem qualitativa. Conforme Ludke e André (2013, p. 18) esta abordagem “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Ademais é uma pesquisa bibliográfica, cuja finalidade é “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2002, p. 45). Dentro das diversidades de fontes bibliográficas proporcionadas por este tipo de pesquisa, priorizamos publicações em periódicos e jornais sobre a Cartografia Social e o Ensino de Geografia.

Ampara-se nas reflexões tecidas por Freire (1996); Gomes (2017) Alccserd (2010) e dentre outros/as estudiosos/as, ao apreender que o uso das técnicas da oferecidas pela Cartografia Social na superação de uma educação bancária para uma educação no ensino de Geografia que busque despertar a luta latente dos/as estudantes partindo do contexto socioespacial e do espaço de vivência que estes estão inseridos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

POR UMA OUTRA CARTOGRAFIA: UM OLHAR SOBRE A CARTOGRAFIA SOCIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia, vinculado com os estudos da Cartografia, representa os aspectos físicos, sociais do espaço produzido e em reprodução pela sociedade. Logo, compreende-se que a produção dos mapas é dotada de intencionalidade, como vimos anteriormente. Franscicnett reitera que “a Cartografia é a representação e o geógrafo, para representar, precisa conhecer, descrever e viver o espaço” (2004, p. 04). Portanto, é neste sentido que se delinea os objetivos da Cartografia Social, cujo grupos sociais que historicamente não foram contemplados na representação

do seu território, ou foram representados sem a sua participação sob um único ponto de vista.

É nessa lógica contra hegemônica da Cartografia dita como oficial, que os sujeitos são produtores das representações dos seus territórios, tendo em vista que o território é o chão mais a identidade e que permeado por relações de poder, como nos alude Milton Santos (1999). Complementando as nossas discussões sobre o território, Finato e Farias (2021, p.10) “nos faz refletir sobre as relações de poder que o envolvem, bem como as intenções políticas e pedagógicas, a luta de classes e as relações sociais, de poder e de controle que o definem”. É nessa lógica, convém enfatizar a importância dos mapas participativos produzidos pelos e para os sujeitos do seu território, do espaço vivido enquanto um instrumento pedagógico e político no ensino de Geografia para desvelar os antagonismos e os conflitos sociais.

Dessa forma, o papel da Geografia Escolar é o fazer com que os/as alunos(as) apreendam as relações dialéticas entre sociedade e natureza no espaço geográfico através dos conceitos chaves da Ciência geográfica, partindo do seu lugar de vivência para a compreensão do espaço vivido, percebido e concebido.

Atualmente, observa-se que ainda persiste nas escolas do Brasil um modelo de uma educação bancária, isto é, os alunos são meros depositários e repetidores das informações recebidas pelos docentes. Sendo assim, a proposta de integrar o conhecimento da cartografia social no ensino fundamental, quebra o modelo de um ensino tradicional e hierárquico, uma vez que, os alunos são partícipes no processo de construção.

Nesse contexto, Gomes (2017) enfatiza que a CS no ensino pode ser compreendida como um método dialógico e participativo; dialógico porque os alunos expressam-se oralmente e participativo, porque destaca o protagonismo dos discentes no ato de construção dos seus esboços. No ato de construção dos mapas participativos, os estudantes não são apenas receptores do conhecimento, são, portanto, atores ativos que dialogam com suas experiências diárias com os pesquisadores (professores).

Santos comenta que:

Aos agentes envolvidos no mapeamento social, é oportunizada a experiência de um esforço interpretativo, que vai além da simples exposição de informações feita costumeiramente pelo professor de geografia, possibilitando aos alunos que manuseiem os elementos da cartografia dita

oficial, na prática da cartografia social. Assim, os discentes poderão operacionalizar o GPS, o computador, as máquinas fotográficas, as escalas e outros instrumentos tecnológicos utilizados na atualidade. Também poderão auxiliar no interpretar das situações a partir de sua vivência cotidiana. (Santos, 2017. p. 290)

Sob essa perspectiva, Abreu e Castrogiovanni acrescentam que:

É necessário, portanto, trabalhar na perspectiva de o próprio aluno “desenhar o mapa”. Mas para que ele se torne um “produtor de mapas” consciente, deve ser levado a desenvolver atividades, como mapas mentais, plantas da casa onde mora e da escola, maquetes da sala de aula, e não somente pintar e copiar contornos, como muitos professores o fazem. (2010, p. 545)

Além de oportunizar o acesso aos meios técnicos, o propósito do/a professor/professora ao utilizar a cartografia social como elemento didático, é provocar o debate através das vivências dos estudantes, diagnosticar os problemas no entorno da escola por meio dos mapas feito pelos discentes.

Da mesma forma, comparar os mapas (social e oficial) com o intuito de questionar as neutralidades dos fenômenos no espaço geográfico.

Desta maneira, é a partir dessa análise crítica mediada pelo docente em sala de aula, os sujeitos tornam-se conscientes dos seus direitos no território, exercendo uma função de cidadãos ativos, isto é, altamente politizados. Nesta direção, o ponto de partida será o contexto social que os/as estudantes estão inseridos/as, corroborando, neste sentido, para a “quebrar as formas de alienação, isolamento permitindo a superação do sentimento de opressão e de subalternidade, que induz o sujeito a acreditar nas suas possibilidades transformadoras por eles mesmos protagonizados” (Lage, 2013, p. 40).

É, sobretudo, acreditar nos saberes e nas potencialidades dos/as discentes de almejar as transformações sociais na comunidade escolar e no seu entorno; despertar no outro, a partir dos mapas participativos na educação, a coletividade frente a esse sistema neoliberal que produz a individualidade. É, acima de tudo, pensar nessa atividade pedagógica como prática de liberdade no ensino de Geografia com essa capacidade “de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes” (Freire, 1996, p. 40).

Dessa forma, Gomes (2017, p.108) aborda os aspectos importantes e os cuidados que o corpo docente deve ter ao trabalhar com a Cartografia Social nas aulas de Geografia ao considerar que

compreender os princípios da CS; a adequação ao nível de ensino; a intencionalidade pedagógica definida; o estar aberto ao inesperado; a valorização dos saberes dos escolares – objetivos e subjetivos; o investimento na dialogicidade, criatividade e ludicidade; o valorizar a escala local contextualizada nas demais dimensões nacional e global; a compreensão do processo e divulgação do produto (fascículo), com textos, imagens e mapa situacional, tudo isto posto como forma de engajamento político, de proposições e encaminhamentos junto à comunidade.

Com base nisso, propusemos uma atividade sugestiva utilizando a Cartografia Social para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais partindo de uma temática específica para refletir em escala local. A proposta da atividade é intitulada como “Clube dos Agentes Socioambientais Mirins”, cujo objetivo pensado a partir das reflexões tecidas é refletir sobre seu lugar de vivência e dos problemas ambientais e sociais existentes nos espaços de vivência, buscando alternativas para a tomada de decisões, neste caso, o uso dessa prática cartográfica.

Clube dos Agentes Socioambientais Mirins

Aulas	Descrição da atividade
Conteúdo central	As relações entre sociedade e natureza e as configurações na paisagem
Questões mobilizadoras	Onde você vive? Como é o lugar em que você vive? Com o auxílio de imagens ou até mesmo da ferramenta Google Earth, perguntar aos estudantes: que lugar é esse? Quais memórias vocês têm desse lugar? O que são elementos naturais? O que são elementos humanizados?
1º aula	Subtema: O que é paisagem? Objetivos: Conceituar paisagem, seus diferentes tipos, seus agentes modificadores.

<p>1º aula</p>	<p>Subtema: O que é paisagem?</p> <p>Objetivos: Conceituar paisagem, seus diferentes tipos, seus agentes modificadores.</p> <p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paisagem; • Tipos de paisagens; • agentes modificadores da paisagem <p>Metodologia:</p> <p>Mostrar fotografias comparando o antes e depois, assim como através da ferramenta Google Earth que permite fazer uma linha de tempo de alguns lugares e dessa forma permitir a observação das transformações da paisagem ao longo do tempo.</p> <p>Conceituação de paisagem, lugar; através de uma sequência de perguntas:</p> <p>O que é paisagem? Por que a espécie humana modifica a paisagem? O que são paisagem natural e humanizada? Qual é o papel do homem na transformação da paisagem? O que é lugar?</p> <p>Em seguida, será proposto aos estudantes que realizem um desenho do percurso da sua residência até o espaço escolar. Será proposto que os alunos relatem as paisagens presentes em seus desenhos, ou seja, quais os tipos de paisagem.</p> <p>Recursos: Retroprojektor, fotos, ferramenta Google Earth, papel ofício, lápis de cor.</p>
<p>Duração</p>	<p>1h:40 minutos (duas aulas de 50 minutos)</p>
<p>CrITÉRIOS de avaliação:</p>	<p>Analisar se os estudantes absorveram o conteúdo através da elaboração de um desenho de uma paisagem vista durante seu percurso diário até a escola.</p>
<p>Encaminhamentos para a próxima aula:</p>	<p>Propor um exercício de observação mais detalhada do percurso da residência até o espaço escolar, observando os elementos naturais e humanos e solicitar que eles elaborem um desenho possuindo um maior detalhe.</p>

<p style="text-align: center;">2º aula</p>	<p>Subtema: Os elementos que compõem as paisagens. (naturais e humanos)</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre os problemas socioambiental; • Comparar dois desenhos elaborados e identificar as diferenças tendo como referência as suas vivências; • Diferenciar paisagem e lugar; • Destacar os impasses socioambiental; <p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Feedback da aula anterior. • Discutir sobre o que quer dizer socioambiental; • Dialogar com os estudantes sobre o que é antrópico e o que o prefixo antropo significa; • Será solicitado que os estudantes façam uma comparação do desenho feito na aula anterior e o desenho que trouxe de casa sobre seu percurso da residência até a escola. • Em seguida, destacar e citar os principais problemas socioambientais encontrados no trajeto casa-escola. • Fazer uma classificação dos itens mais citados pelos alunos destacando com lápis de cor. • Será solicitado que os estudantes compartilhem seus desenhos uns com os outros possibilitando que tenham algum tipo de contato com as realidades vividas por seus companheiros. <p>Recursos: esboços, folhas de papéis e lápis de cor.</p>
<p>Duração:</p>	<p>1h:40 minutos (duas aulas de 50 minutos).</p>
<p>Avaliação:</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber se os estudantes sabem identificar as modificações antrópicas na paisagem desenhada por um de seus colegas. • Citar pelo menos uma questão socioambiental encontrada no desenho escolhido.

<p>Encaminhamentos para próxima aula:</p>	<p>Aplicação de questionários para a vizinhança. O questionário irá conter 5 perguntas norteadoras para os estudantes entrevistarem a sua vizinhança. Isso subsidiará a criação de alternativas para a diminuição ou resolução do problema identificado.</p>
<p>Questões norteadoras do questionário:</p>	<p>1º Quais as principais mudanças que ocorreram em sua rua nos últimos anos?</p> <p>2º Essas mudanças trouxeram benefícios ou malefícios para a vizinhança?</p> <p>3º Como acontece a coleta de lixo na sua rua? () todos os dias; () dias alternados; () 1 vez por semana; () 1 vez por quinzena; () 1 vez por mês;</p> <p>4º Na sua opinião, que problemas são causados ao jogar lixo na rua?</p> <p>5º No Bairro que você mora existe alguma área verde?</p>
<p>3º aula</p>	<p>Subtema: As consequências da ação antrópica e as suas marcas na paisagem.</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discutir sobre o descarte irregular do lixo e dos problemas que afeta o meio ambiente e à saúde da população ao entrar em contato com esses resíduos nas enchentes, poluição do solo, mau cheiro, entre outros; • Refletir sobre os problemas identificados através dos desenhos construídos e expostos no espaço escolar; <p>Metodologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar a legenda dos desenhos para facilitar na compreensão e na identificação dos impasses localizados e registrados ; • Propor uma roda de conversa para debater sobre as respostas obtidas do questionário aplicado. • Fazer uma exposição com os desenhos de autoria dos estudantes.

Recurso:	desenhos dos estudantes, barbantes e prendedores para o mural da exposição.
Duração:	1h: 40 minutos (duas aulas de 50 minutos)
Critério de avaliação	Saber se os alunos aprenderam sobre os problemas ambientais que afetam a saúde humana devido ao descarte irregular do lixo na sua vizinhança.
Resultados esperados:	Busca-se por meio desse projeto didático através da exposição dos desenhos elaborados pelos estudantes no espaço escolar, a criação de um clube dos agentes socioambientais mirins cujo objetivo seria de mobilizar a vizinhança a realizar a coleta seletiva, como também, na reutilização e reciclagem dos produtos descartados com o objetivo de diminuir os problemas identificados em relação ao descarte incorreto dos lixos e na prevenção de danos à saúde da vizinhança, como também, os desenhos servirá como um material informativo com as localizações dos problemas identificados.

Fonte: Autores, 2023

Portanto, percebe-se que, enquanto um instrumento pedagógico, é preciso sempre estar aberto ao inesperado, a valorização dos saberes trazidos pelos/as discentes de forma horizontal considerando enquanto sujeitos epistêmicos, numa relação dialógica, lúdica e participativa. Como um dos princípios dessa prática cartográfica é a divulgação de fascículo, como foi enfatizado acima por Gomes (2017), faz-se importante que esse produto pedagógico possa ser disseminado para a comunidade escolar contribuindo para a sua formação política, social e cultural do seu espaço vivido, percebido e concebido. Dito isso, os/as estudantes vão buscando não só do conteúdo trabalhado, como também uma apreensão da sua espacialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões elencadas, pode-se concluir que a Geografia auxiliada pela Cartografia, representa os aspectos físicos, ambientais e sociais; portanto, corresponde a um trabalho interdisciplinar da Geografia e da Cartografia, voltados para

o uso participativo dos mapas comunitários, que parecem direcionar o despertar cidadão nas aulas de Geografia.

Vencato (2014) nos diz que a escola é *lócus* onde existe uma pluralidade de pessoas com diferentes modos ser, saberes e de diversidades territoriais. Nesse sentido, nessa interdisciplinaridade entre a Geografia e a Cartografia Social, as potencialidades, possibilidades e as reflexões nessa dialogicidade para a politização, reconhecimento do seu território e a valorização desses saberes que emergem desses territórios.

Retomamos o pensamento de Freire (1996), Gomes (2017), Franscichett (2004) sobre a capacidade dessa atividade sugestiva e prática cartográfica contra hegemônica de intervir na realidade, incentivar o protagonismo do corpo discente na produção dos seus mapas participativos – superando uma educação bancária na qual os/as estudantes são meros receptores de informações – considerando sujeitos que produzem conhecimentos e que são de extrema importância para as representações, os significados e significantes em sua diversidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Paulo Roberto F. de; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A importância da cartografia escolar e do SIG nas disputas territoriais e nas disputas cartográficas. **Revista Brasileira de Cartografia**. Uberlândia, v. 62, n. 3, p. 543 – 549. out. 2010.

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPPUR. 2008.

ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografia social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, IPPUR. 2010.

CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: UFRJ, IPPUR. 2008, p. 85 – 111.

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A Evolução do Pensamento Geográfico**. 6. ed. Lisboa: Gradiva, 1986.

FINATTO, R. A.; FARIAS, M. I. A Cartografia Social como recurso metodológico para o ensino de Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 25, p. e03, 2021. DOI: 10.5902/2236499443605. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/43605>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANCISCHETT, M. N. A cartografia no ensino-aprendizagem da Geografia. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. 2004. p. 01-12. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>. Acesso em: 05 de dez. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Marquiana de Freitas Vila Boas. Cartografia Social e Geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Campinas, vol. 7, n. 13, p. 97-110. jan./jun. 2017.

LAGE, Allene. **Educação e Movimentos Sociais**. Recife: Editora UFPE, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. 2013.

MIGNOLO, Walter. NOVAS REFLEXÕES SOBRE A "IDÉIA DA AMÉRICA LATINA": a direita, a esquerda e a opção descolonial. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, Maio/Ago. 2008.

SANTOS, Dorival dos. Cartografia Social: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**. São Luís, vol. 2, n. 6, p. 273 – 293. maio/ago. 2016.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **Geographia**, Niterói, ano 1, n. 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360/8560>. Acesso em: 24 mar. 2022.

VENCATO, Ana Paula. Diferenças na escola. In.: MISKOLCI, Richard; LEITE JÚNIOR, Jorge (org.). **Diferenças na educação**: outros aprendizados. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 19-56.